

Boletim Gaúcho de Geografia

<http://seer.ufrgs.br/bgg>

GRUPO, ESPAÇO E TEMPO NAS SÉRIES INICIAIS

Helena Copetti Callai, Jaeme Luiz Callai
Boletim Gaúcho de Geografia, 21: 99-108, ago., 1996.

Versão online disponível em:
<http://seer.ufrgs.br/bgg/article/view/38636/26360>

Publicado por

Associação dos Geógrafos Brasileiros



Portal de Periódicos
UFRGS

UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO GRANDE DO SUL

Informações Adicionais

Email: portoalegre@agb.org.br

Políticas: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/editorialPolicies#openAccessPolicy>

Submissão: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/submissions#onlineSubmissions>

Diretrizes: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/submissions#authorGuidelines>

Data de publicação - ago., 1996

Associação Brasileira de Geógrafos, Seção Porto Alegre, Porto Alegre, RS, Brasil

GRUPO, ESPAÇO E TEMPO NAS SÉRIES INICIAIS

Helena Copetti Callai
Jaeme Luiz Callai *

Nas Séries Iniciais, no denominado Currículo por Atividades a ênfase do trabalho docente é a alfabetização, o mais das vezes compreendida como aquisição da leitura e da escrita, secundariamente o domínio das quatro operações – somar, diminuir, multiplicar e dividir. Muito raramente, de forma difusa e confusa, há lugar para Estudos Sociais.

Na ausência de uma orientação clara e segura do que é ensinar Estudos Sociais o professor se preserva trabalhando nada ou muito pouco desta área de conhecimento, ou arrisca-se ensinando o que lhe parecer mais adequado. O resultado em qualquer uma das hipóteses tem sido frustrante para alunos, para professores e porque não, para os pais. Ou não se aprende nada ou se tem um esforço para “aprender” informações que, por isoladas, perdem o sentido e a significação.

A compreensão da alfabetização como capacidade de leitura não só do texto mas também da experiência humana vivida por todos, cotidianamente; e de escrita, igualmente não só do texto, mas construção da própria História. Num e noutra caso leitura/escrita não só como uma habilidade mecânica, mas como uma manifestação de cidadania. Neste sentido a alfabetização do ler e escrever é um meio para a constituição do cidadão que sabe, o quê? e porquê? lê e/ou escreve.

Não se trata apenas de ensinar os conteúdos de Estudos Sociais, mas de desenvolver conceitos que são importantes para a própria vida, que são constitutivos da própria vida. Eles devem ser propostos, exercitados para que a criança entenda o seu significado, não em si mesmo, mas em sua dinâmica da vida da sociedade. Dentre os conteúdos de Estudos Sociais é relevante estudar as relações sociais, que se estabelecem entre as pessoas e os distintos grupos sociais; o espaço diferenciado ocupado por um ou outro grupo ou atividades e as relações que se estabelecem: o Tempo enquanto presente vivo e passado vivido, dimensões necessárias para o viver individual e societário. Como construir com as crianças esses conceitos, é o desafio, especialmente porque não se trata de oferecer a criança um conceito produzido, mas precisamente oportunizar que a criança construa seu próprio conhecimento.

Não é o conhecimento em si o mais importante, mas sua vivência, isto é, a compreensão dos grupos (dos diversos grupos sociais) de que a criança e sua família fazem parte; do espaço que ocupam; do acesso que tem ao espaço para morar, para trabalhar, para o lazer, para a sua vida enfim; e, do tempo em que vivem, da história da família, do que projetam para o futuro. É na complexidade da vida que as pessoas podem entender e compreender que constroem seu espaço, a sua história e a sociedade em que vivem.

Neste sentido Estudos Sociais é conteúdo importante no currículo da Séries Iniciais, se entendermos que estes alunos estão formando-se/transformando-se em cidadãos. Importante não enquanto um elenco de temas que devam ser desenvolvidos, mas como uma perspectiva de médio/longo prazo que de a conformação dos Estudos Sociais. Isto é a definição de quais conteúdos devam ser trabalhados obedecendo a perspectiva de formação da cidadania, desafio maior dos Estudos Sociais nas Séries Iniciais. Descartam-se os conteúdos preestabelecidos, a transmissão mecânica de informações prontas e acabadas, conhecimentos estranhos à vida do aluno. A tarefa dos Estudos Sociais é propiciar o conhecimento e facilitar o entendimento da realidade em que o aluno vive, partindo do conhecimento que ele possui, adquirido na escola ou mesmo anterior a ela. O trabalho do professor é sintonizar o aluno com o mundo, facilitando-lhe o acesso ao saber já produzido e a compreensão do processo social cotidianamente vivido.

É fundamental de parte do professor uma atitude de questionamento, de provocação, de abertura às inquietudes, curiosidade, deslumbramento do aluno, dos muitos mundos que os alunos representam. É na confluência entre o interessante, o desejado e o vivido pelo aluno de um lado, e de outro a proposta pedagógica da escola e do currículo por atividade que o professor terá elementos para eleger o que ensinar, o que se propõe que a criança aprenda.

Cabe aqui um parêntese: o volume de informações é cada vez maior, mais complexo, e o aluno tem direito a receber da escola condições para aprender tudo, mas a escola nunca conseguirá dar conta em extensão e profundidade de passar todo o saber produzido e acumulado. Torna-se necessário então fazer um recorte, pôr limites, selecionar, eleger o que ensinar. Entendemos que este limite deve ser posto no confronto dos interesses dos alunos com os programas respectivos e as condições postas anteriormente.

Se o ponto de partida é conhecer a realidade em que vivem, e neste âmbito que nos problematiza a questão de como dar conta dos conceitos de GRUPO-ESPAÇO-TEMPO seguindo esses critérios.

Queremos formar cidadãos? Não é apenas no conteúdo de Estudos Sociais em si que vamos encontrar os caminhos, mas na dinâmica do processo de alfabetização, na forma que é encarada e nos objetivos que estão postos lá na frente. Ensinar a ler e a escrever para quê?

O nosso aluno tem que ser considerado em sua plenitude, e não apenas como uma criança que está à disposição do professor e da escola para ser ensinado. Se a preocupa-

ção da escola é formar cidadãos, o aluno precisa ser visto como indivíduo que vive em sociedade (fazendo parte de vários grupos) num determinado momento (um tempo definido) e ocupando determinado lugar (espaço). Segundo Nidelcoff a resposta à questão: Qual é a minha missão como professor junto a este ser que cresce?, “se fundamenta numa visão do homem como ser histórico que se realiza no tempo”. Crescer, portanto, significa ir se localizando com lucidez, no tempo e nas circunstâncias em que se vive, para chegar a ser verdadeiramente homem, isto é; indivíduo capaz de criar e transformar a realidade, em comunhão com seus semelhantes.”

Através dos Estudos Sociais, na observação da realidade local e da dinâmica que se estabelecem nos diversos grupos que os alunos se inserem, é que vão ser exercitados esses conceitos (Grupo, Espaço e Tempo). Ao exercício devemos acrescentar a teorização. Não só fazer as coisas, as crianças precisam saber o quê e por quê estão fazendo tal atividade. E mais, precisam saber que “não estão descobrindo o mundo” que outros antes delas também já “descobriram” tais coisas e que este conhecimento produzido socialmente vai sendo incorporado pela sociedade, que vai evoluindo e criando melhores condições para o trabalho, para o lazer, para viver enfim. As informações não devem ser postas a ela de forma pronta e acabada mas na medida do possível demonstrar-lhes o contexto em que foram construídas, como as pessoas buscavam estes resultados, quais os interesses envolvidos.

Se a escola consegue fazer com que o aluno consiga conhecimento amplo em todas as coisas do mundo e não fique em especialidades ou partes apenas é nesta fase da escolaridade que deve começar. Aprendendo que as coisas que vem até nós não foram descobertas magicamente, mas do esforço de pensar, de refletir em cima de problemas, de necessidades, que os diversos povos tem e tiveram.

Neste contexto de que forma então trabalhar os conceitos de GRUPO-ESPAÇO-TEMPO? que não sejam um elenco de conteúdos ou atividades, mais ou menos estanques. A experiência, a sensibilidade do professor em frente a capacidade, interesse, desempenho dos alunos determinarão o fluxo e a articulação do fazer pedagógico para um estudo articulado.

Para o desenvolvimento dos conceitos centrais de Estudos Sociais é possível o desenvolvimento de uma porção atividades que terão como suporte informativo a experiência específica de cada série e grupo de alunos. Uma primeira sugestão, introdutória, aos estudos destes conceitos assume os seguintes contornos:

Grupo – O grupo é fundamental na nossa vida. No nosso cotidiano ele é permanentemente vivido. Pertencemos a diversos grupos ao mesmo tempo, a família, os amigos, a turma do futebol, a de brincar todo dia, a turma da escola, da Igreja, da vizinhança. É no confronto cotidiano com os outros que aprendemos, que constituímos o nosso pensamento, o nosso conhecimento. É nesse processo de socialização que está embutida toda a riqueza da aprendizagem. A vida no grupo permite e encaminha discussões das regras sociais, da boa convivência na sala de aula, na realização de tarefas, nos recreios, no início e no final da aula.

E é no período (no tempo) e no lugar (no espaço) da aula que se podem criar as condições de instrumentalizar o aluno para viver essa troca, estas relações sociais que lhe são fundamentais para a vida. A formação do cidadão que tanto buscamos supõe esta trajetória, o quanto mais possível concretizada no dia-a-dia da vida do aluno, construindo a sua identidade, e se percebendo como alguém que constrói a história e o espaço onde vive. Não são em situações isoladas dentro da atividade escolar que se vão exercitar estes conceitos fundamentais para Estudos Sociais (mas mais que isto, da vida) mas na dinâmica das atividades corriqueiras propostas e realizadas em sala de aula. Na aplicação destas regras quando da realização de tarefas: no planejamento, na concretização, na sistematização. E nestas três fases, quando de discussões, eleições\escolhas de coordenadores das tarefas, no controle e avaliação, na análise crítica e registro oral e escrito.

Não é num momento específico da aula, mas na dinâmica das atividades que se desenvolvem que o professor poderá conduzir os alunos a refletirem sobre seus posicionamentos, seus modelos, suas formas de intervenção, seu relacionamento com os colegas, professor e demais membros da escola. A análise crítica da avaliação das atividades, oral ou escrita é também parte do processo. Ao defender suas idéias os alunos avançam na compreensão do que estão estudando, aprendem a falar em público, aprendem a ouvir questionamentos e dúvidas e a tentar respondê-los. Ao escrever, formalizam o registro que está sendo discutido e escrevem um texto que resulta de um trabalho concreto: devem pensar no que aconteceu, para demonstrar como entenderam e como conseguem se expressar. Este registro e apresentação oral ou escrita, na primeira série pode ser feito muitas vezes através do desenho, e da dramatização.

Não se trata (nunca é demais repetir) de eleger um conteúdo específico para desenvolver o conceito de grupo. Pelo contrário, realizar uma análise crítica das relações que se dão nos grupos, discutir como se dão e a que levam. É o aprendizado da convivência e da compreensão de quanto ela é importante na nossa vida.

Para finalizar, "É no grupo que aprendemos esse difícil processo de conviver com as divergências, os conflitos, as diferenças. Isso tudo envolve e significa processo de conhecimento, significa processo de apropriação do saber de cada um para deflagrar o que ainda não se conhece". (FREIRE, 1993, p.162.).

Espaço – Os homens vivem num espaço, situam-se nele, ocupam lugares. Este espaço comumente é visto como algo estático, pronto e acabado. Tem uma aparência. Mas é resultado de uma dinâmica, é cheio de historicidade. A aparência é o resultado num determinado momento, de coisas que aconteceram. É a expressão de um processo, portanto há dinâmica no arranjo. Só na aparência ele é estático, pois em si, está constantemente sendo construído. E, conhecer o espaço, entendê-lo, é observar esta dinâmica e percebê-lo como resultado, mais do que aceitá-lo como definitivo e acabado. Em sendo estático caberia apenas adaptar-se a ele, ajustar-se para poder viver. E esta era a premissa dos Estudos Sociais – ajustar o indivíduo ao meio em que vive.

Não aceitando esta idéia e avançando no sentido de entender que o espaço é construído pelos homens que vivem nele, cabe aos Estudos Sociais também avançar. Ao invés de conhecer e descrever para se adaptar, se ajustar, devemos procurar entender o espaço como resultado de uma dinâmica e então dar condições ao aluno para que se situe neste processo. Deve-se reconhecer que é possível construir o espaço, e que a forma como ele se apresenta no momento atual é o resultado da história de quem vive nele e como vive nele. Vai daí que se torna necessário perceber que é possível construir o espaço em que se vive. Que ele é a aparência do resultado da luta dos homens pela sobrevivência num determinado lugar e num determinado tempo.

Este espaço real, concreto, que vemos, onde vivemos e no qual ocupamos um lugar para morar e no qual nos locomovemos, existe em si mesmo. É uma dimensão da realidade, e como tal precisamos nos apropriar intelectualmente dele. É um conceito que precisamos compreender. Este conceito precisa ser construído no interior do processo de aprendizagem.

Ao exercer e exercitar a crítica daquilo que faz parte da nossa vivência diária, do nosso cotidiano, e da história que estamos construindo nos grupos em que vivemos, podemos ir nos apropriando do conceito de espaço também. A construção do conceito espaço tem início com a vida. Supõe sair de si próprio para perceber o que existe além, ao redor. Cabe aos Estudos Sociais neste momento do currículo escolar aproveitar-se da vivência diária do aluno para conhecer, exercitar de forma consciente as relações espaciais e compreender o espaço em que se vive (como resultado da nossa história), e de construir o seu conceito, apropriar-se dele.

A construção da noção de espaço pela criança requer uma longa preparação... Se faz por etapas, mas sempre associada a descentração e apoiada na coordenação de ações... Há um longo caminho a ser percorrido para a construção da noção de espaço, que se inicia pela ação da criança e culmina com a operação mental. As relações espaciais permitem a construção e a representação de três tipos: relações topológicas, projetivas e euclidianas, e existem uma série de atividades que podem ser realizadas considerando cada uma destas etapas. (PAGANELLI, 1985, p.21-22)

O conceito de espaço é uma abstração da realidade, construído a partir da realidade em si, na compreensão do lugar concreto, de onde se extraem elementos para pensar o mundo, (ao construir a nossa história e o nosso espaço). Neste caminho ao observar o lugar específico e confrontá-lo com outros lugares tem início um processo de abstração que se assenta na relação entre o real aparente, visível, perceptível e o concreto pensado na elaboração da compreensão do que está sendo vivido.

A partir daí ao se estabelecer generalizações para explicar esta relação do que é vivido com o que é pensado, num vaivém contínuo de um para outro, passa-se a

construir uma compreensão crítica. É este processo de construção do conhecimento no qual está embutida a construção do conceito de espaço que precisamos desenvolver com os alunos.

Para tanto, dentre as muitas possibilidades existentes, tem-se o mapa que é um instrumento muito rico, indispensável para as aulas de Geografia e de Estudos Sociais, além de fundamental para qualquer um saber se situar e entender os fenômenos que acontecem no mundo diariamente.

O mapa é uma abstração da realidade e como tal é necessário o movimento apreensão da aparência e da representação pensada sobre o real. Para tanto antes de iniciar o trabalho de leitura de mapas é necessário saber construí-lo, mas para isso se requer todo um trabalho com pré-mapas (que inclui todos os exercícios de localização no espaço e a reflexão sobre esta relação). É preciso aprender a ler o mapa e também construí-lo. E mais que isso buscar entender a relação entre representação e realidade, compreendendo as relações que nele estão contidas. Para tanto é preciso saber se orientar, entender a legenda e interpretar a escala.

No trabalho com mapas o aluno vai aprendendo a noção de espaço – o seu significado – e a sua possibilidade de representação. E da representação do espaço ele poderá extrair informações da realidade (ao ler e interpretar um mapa), ou colocar nele as informações (no caso de constitui-lo). Isto tudo exige um alto grau de abstração e, portanto são necessárias uma série de atividades que precedam o uso do mapa para que o aluno esteja capacitado. em outras palavras é necessário que o professor oportunize situações de aprendizagem para o aluno ter instrumentos, para o aluno construir este conceito de espaço, e junto com ele outros conceitos fundamentais para a sua compreensão. “Um trabalho com mapa, na sala de aula, deve ser precedido por um período em que a representação se forma – dissociação dos significados e significantes – e em que se constroem lenta e gradativamente as relações espaciais e a própria consciência do mundo físico e social”. (PAGANELLI, 1985, p.31).

A familiaridade da criança com o mapa vai lhe render um instrumental de trabalho cada vez mais significativo para o processo de construção de seu conhecimento. Existem os mapas prontos, bem acabados, bem desenhados, mas eles aparecem como resultado pronto para o aluno. O interessante é entender como ele foi construído, porquê e para quê, e nada melhor do que fazê-lo para compreendê-lo.

Já nesta idade a criança tem interesse de saber como foi construído o mapa que está “de pé” lá na parede e, portanto, já se pode desde a primeira série explicar a necessidade do mapa e do processo para a sua construção, para a nossa sociedade, o que representa o desenho, como se chegou a saber que o espaço que ele representa é assim, porque num mapa não existe o em cima e o em baixo, porque de maneira geral o norte está na parte superior da folha. Mas isto tudo não é feito como algo pronto para ser transmitido, e sim no seu processo de construção.

O interessante para construir este conceito de espaço e para entender o espaço em que vivemos é fazer mapas. Ainda não aqueles complicados, grandes e cheios de informações. Iniciar por mapas simples, de pequenos espaços limitados, com um

número reduzido de informações, mas sempre da realidade concreta dos alunos e não da imaginação. E sempre guardando o cuidado com algumas regras básicas, que são fundamentais (de escala, de legenda, orientação...). Podem ser feitos roteiros, trajetos, plantas, esquemas, croquis onde a criança coloque limites (as linhas) e o conteúdo (as informações). Num segundo momento, o aluno pode receber o mapa-mudo (os limites de contorno) para ali inserir as informações. Mas, para se iniciarem nesta atividade é fundamental que as crianças já tenham trabalhado com pré-mapas; e que tenham feito exercícios de localização no espaço. Sem isso será muito trabalho- so para professores auxiliar e muito difícil para os alunos darem conta.

Para construir o mapa é necessário que sejam seguidas as fases de planejamento, realização e sistematização, sem o que se corre o risco de os alunos se perderem na atividade, ou realizá-la mecanicamente como mero exercício sem sentido. No planejamento fazer a escolha do que mapear, organizar a observação- como será feita, quando, que material é necessário, definir as regras da observação (cada um anota o que quer? ou tem definição para o que cada aluno deve fazer), que material será necessário para o mapa. Além da preparação para o que deve ser feito, é importante “olhar” diversos mapas e conversar sobre o que eles contém, qual a escala (que tamanho eles tem e que tamanho é o espaço representado). Tentar fazer com que os alunos, ao olhar diversos mapas, levantem todas as questões que julguem interessantes. Após o planejamento, com cada um sabendo o que deve fazer, partir para a observação a fim de levantar dados e informações que sejam necessárias. Num primeiro momento o ideal é ter uma visão geral, do conjunto do espaço, verificar onde se insere, o que tem ao redor e depois concentrar no espaço que vai ser mapeado, observando detalhes. Esta fase, supõe coordenação do professor, ou então orientações escritas bem detalhadas.

Ligado ao conceito de espaço vão sendo trabalhadas outras noções que são base para compreender o espaço, tais como: escala, legenda, distância, localização, orientação.

Tempo – Este conceito, juntamente com as idéias de mudança e de continuidade que do ponto de vista histórico lhe são correlatas, completa o conjunto de conceitos referentes aos “Estudos Sociais”. É importante diferenciar o tempo físico, astronômico (aquele do calendário) que se constitui pela sucessão regular, linear de dias e noites; do tempo social em que a sucessão de fatos e acontecimentos não é regular nem previsível. Enquanto o tempo físico independe da vontade dos homens e das sociedades, o tempo social, como o seu nome diz é constituído pela sociedade que lhe determina o ritmo e a direção. O tempo social, histórico apresenta ritmos diferenciados conforme os distintos aspectos da vida social que forem considerados. Alguns mudam mais rapidamente, outros são dotados de maior continuidade; mais do que isso há época em que as mudanças adquirem maior velocidade. Essas diferenças de ritmo – as mudanças e as continuidade – resultam do jogo de interesses e vontades dos diversos grupos constitutivos de uma sociedade determinada.

O conceito de tempo que nos interessa é aquele social na medida que a história é precisamente o estudo das mudanças ou permanências. A criança precisa compreender que a sociedade, todos nós, fazemos a história. Isto é, ao viver o fazemos dinamicamente, ninguém, nenhuma sociedade, permanece parada, estática. O tempo físico e, por consequência o calendário, constitui-se por assim dizer uma linguagem que possibilita o entendimento. O uso universal de um mesmo calendário permite maior precisão no processo de datação, de identificação de quando as coisas ocorreram. Por certo o calendário nos dá maior objetividade. Todos podemos mensurar o que são dez anos, por exemplo, já a idéia de “a muito tempo atrás” é, agora imprecisa, equívoca.

Na escola é necessário que se oportunize o aprendizado e a operação do calendário, mas antes do tempo medido (já pronto) são necessários exercícios e atividades que possibilitem à criança perceber que o tempo flui, que momentos diferentes são intermediados pelo transcorrer de um tempo. Num primeiro momento é necessário desenvolver a idéia do SUCEDER. Aquilo que acontece, depois de acontecido, não “desacontece” mais. Portanto o tempo é irreversível. Mais, os fatos, os acontecimentos, as coisas “acontecem”, uns após os outros formando uma sucessão, um encadeamento.

Como isso se apresenta na sala de aula? Inicialmente a ordenação do Antes e Depois; em seguida a ordenação mais complexa de muitos Antes e muitos Depois (ao longo de um dia como se sucedem os fatos da vida cotidiana da própria criança). Um passo adiante na compreensão da dinâmica do tempo é a compreensão dos diferentes ritmos – como algumas coisas mudam mais ou menos rapidamente que as outras. Uma tarde na escola é tempo, momento de estudar, mas este tempo constitui-se de tempos mais rápidos – a hora do conto, o recreio, o exercício de matemática, a “rodinha”. Ou ainda como num mesmo tempo (físico) ocorrem diferentes tempos para pessoas diferentes. Enquanto a criança estuda, os pais trabalham, o irmão brinca, o guarda noturno dorme. A compreensão dessa variedade de tempos é fundamental para evitar-se a aquisição de um conceito de tempo histórico linear em que haveria uma sucessão regular e ritmada dos acontecimentos sociais.

Estabelecido o Antes e o Depois; a irreversibilidade do tempo; a noção de duração (o tempo necessário para que a coisa aconteça); e ainda a compreensão dos diversos ritos do tempo da vida social é a hora de introduzir-se o Calendário. A mensuração física do tempo iniciou-se na história da humanidade pela distinção Dia/Noite. Não por acaso muitas civilizações consideravam a noite um tempo “morto”, só contavam a passagem do dia. Hoje com a eletricidade a noite virou dia, e aí muda a própria percepção. Compreendido o Dia e Noite, pode-se operar com o Manhã e Tarde: e em sequência antes e depois do recreio da aula.

O estudo dos dias da semana não pode ser confundido com a memorização do nome dos dias da semana. Com referência a esta questão do nome dos dias da semana, ou do nome dos meses ou anos precisamos nos dar conta que os mesmos são uma convenção. Em si mesmos eles não significam nada. O que distingue uma Segunda de uma Terça-Feira? Ou eu sei o que fiz ou vou fazer nestes dias ou eles são

absolutamente indistintos? Quantas vezes, nas férias, nos desligamos tanto que nos perdemos, sem saber que dia é?

Antes de memorizar os nomes é preciso desenvolver a compreensão do que é que muda (o dia e a noite na perspectiva físico-astronômica) a programação das ações (os dias de aula e dos dias folga) esta regularidade que se chama semana, e daí por diante.

Da mesma maneira que estudamos o Antes e o Depois é conveniente estudar/entender o Hoje, o Agora e distingui-lo do Ontem, do Antigamente. À medida em que estas noções forem se clareando na compreensão da criança pode-se introduzir a Linha de Tempo. A Linha de Tempo deve ser entendida, pelo professor como uma representação gráfica do tempo enquanto conjunto e sucessão de acontecimentos. Ela é, num certo sentido, o legítimo mapa do tempo. Da mesma maneira que para aprendermos a trabalhar o mapa faz-se necessário desenvolver noções prévias (traçado, croqui, pré-mapa) neste caso também são necessários alguns cuidados preliminares.

Antes de pretender construir a linha de tempo/linha de vida da criança é conveniente que ela aprenda a representar a duração dos diferentes tempos numa tarde de aula, num dia, em 24 horas. Neste caso seria interessante ver como a criança PERCEBE a duração das diferentes atividades. Possivelmente aquelas prazerosas serão percebidas como mais rápidas (já acabou o recreio!) enquanto as mais monótonas deixam a sensação de não passar (como esta aula não termina!)

A transcrição do tempo físico medido em horas, dias e anos para uma escala métrica (ou centimétrica) é algo razoavelmente complicado. É conveniente iniciar pela construção de uma pré-linha de tempo que é representar num desenho o que ela, criança, faz no decorrer do dia e propor inclusive que ela estabeleça algum tipo de correspondência entre o que faz e a duração temporal para a realização de respectiva atividade. Subseqüentemente é hora de introduzir a medida Manhã e Tarde: Antes e Depois do recreio: o uso do relógio para a marcação/identificação das horas. E assim sucessivamente: dias da semana, semanas, meses, anos.

Alguns estudos no campo da psicologia da aprendizagem indicam para a dificuldade ou impossibilidade da criança, mesmo aos 11, 12 anos ser capaz de abstrair a noção de tempo: o que são cinco séculos? Quinhentos anos. Sim, mas quanto é isso? Esta impossibilidade de apreensão recomenda cautela no trato da questão e aponta para que não se confunda a capacidade de domínio do nome das “coisas” com o domínio da “coisa” mesma. O que significa que talvez não seja justificável exigir excessivo esforço de parte da criança para que ela “aprenda” rapidamente o nome dos dias, meses, anos e séculos.

Para finalizar é recomendável especial esforço e cuidado no que diz respeito ao conceito de Tempo que a criança compreenda que o Tempo (social) se constitui das mudanças e continuidades de processos que são a própria vida, seja do indivíduo, seja da sociedade. E mais, que o Calendário é uma linguagem e um instrumento de medida de duração e sucessão dos diferentes processos sociais, vale dizer da histó-

ria. Parece-nos bastante claro o que é aquilo que se convencionou chamar de Estudos Sociais e que estes conceitos (GRUPO-ESPAÇO-TEMPO) nos dão elementos para levar os alunos a compreender o mundo, e para se situarem melhor na sociedade em que vivem, entendendo as relações sociais que acontecem, e qual o seu papel. É mais que isto, o espaço que vai sendo produzido e organizado a partir de interesses não muito explicitados a todos nós, mas que se expressam concretamente nas paisagens e na história que vai, também, sendo construída.

Os Estudos Sociais tem como conteúdo o nosso dia-a-dia e compreendê-lo é fundamental, pois "tem como núcleo central de sua programação as relações de identidade e de pertinência, isto é, a fonte de constituição dos grupos e dos cidadãos, no espaço e no tempo. É por isso que eles são formados de geografia e história, mas também de sociologia e antropologia. Porém, não faz o menor sentido estudar abstratamente, temas clássicos dos manuais destas disciplinas quando fervilham entre os alunos terríveis dificuldades de identidade e pertencimento." (GROSSI e BORDIN, 1993, p.224).

É, portanto, da vivência concreta do dia-a-dia que devem sair os temas dos Estudos Sociais nas Séries Iniciais, e as atividades realizadas não devem se esgotar em si mesmas, mas estar situadas no contexto do processo de aprendizagem, que se desenvolve neste período do currículo.

FREIRE, M. *Aspectos Pedagógicos do Construtivismo Pós-Piagetiano* – Um novo paradigma sobre a aprendizagem. Petrópolis: Vozes, 1993, p.162.

GROSSI, E. P., BORDIN, Y(org.) *Construtivismo Pós-Piagetiano* – Um novo paradigma sobre aprendizagem. Petrópolis: Vozes, 1993, p.224.

NIDELCOFF, A. *Escola e a Compreensão da Realidade*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1991.

PAGANELLI, T. I. et alii. A Noção de Espaço e de Tempo – O Mapa e o Gráfico. *Orientação*. São Paulo: Instituto de Geografia - USP, nº 6, nov. 1985.

* Professores, respectivamente, de Geografia e de História no Departamento de Ciências Sociais da UNIJUÍ / Texto usado como base para o curso "Geografia nas Séries Iniciais", ministrado no XVI Encontro Estadual de Professores de Geografia. Passo Fundo (RS) 1996.